

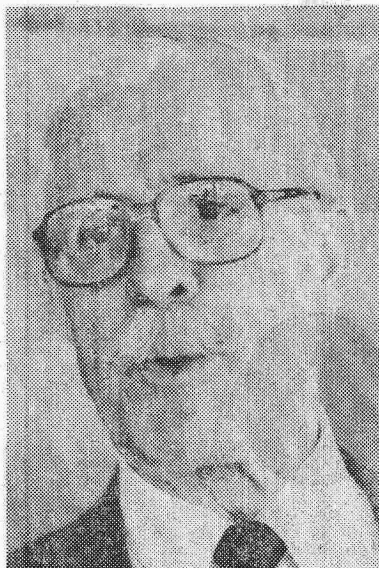
Velhos educadores não aceitam papel de vilões

CRISTINA RAMALHO

Eles estão há pelo menos 30 anos atuando na área de educação. Conhecem todos os seus alunos pelo nome. Orgulham-se de ter sido observadores, ao longo desses anos, do crescimento de uma infinidade de crianças, e de ter influenciado no seu processo de amadurecimento. Já passaram por numerosas teorias pedagógicas, mas valem-se mesmo da experiência. Eles são educadores que trabalham na mesma escola há muito tempo. Acompanham gerações e imprimem nelas sua marca indelével.

Esses velhos personagens, acostumados com a reverente gratidão de pais de alunos, estréiam agora como vilões na novela das mensalidades escolares. "Depois de tantos anos de trabalho, acho um absurdo precisar me defender só por ter de cobrar pela sobrevivência da escola", desabafa Neda Branco Martins, proprietária do Colégio Horizontes, de São Paulo, que trabalha como educadora há 36 anos.

Assim como o médico de família, ela faz parte de uma espécie em extinção. A exemplo



Maurilo Claretto/AE

Norton: ensino conservador

da Laura Góes, dona do Colégio Gávea, que resolveu nos últimos dias fechar sua escola por causa da crise das mensalidades, Neda se confessa profundamente desiludida com a situação do ensino no Brasil. "Existe uma grande decepção entre os educadores, cujas propostas pe-

dagógicas se chocam com a realidade", atesta a professora. Espremidos entre o idealismo de uma educação acessível a todos e às dificuldades impostas pela política econômica, os educadores que também são donos de escolas têm de fazer malabarismos para atingir seus objetivos.

"A minha filosofia é que a escola deve ser boa, barata e acessível a todos", explica Ana Pimentel, há 17 anos à frente da Escola Mutirão. Dentro desses princípios, Ana, 57 anos, montou uma escola original, onde não existem classes e os professores dão suas aulas ao ar livre ou em abrigos construídos num terreno de três alqueires. Isso barateia o ensino, mas ela garante que se sente "muito mal" quando alguém insinua que o lucro dos donos de colégio é compensador. "Tomo conta de tudo, busco sempre os fornecedores mais baratos da alimentação da garotada e nunca cobrei um tostão a mais do que o estritamente necessário", enfatiza.

PAPEL DE VILÃO

Para o professor Norton Severo Batista, uma figura legendaria no colégio Rio Branco onde atuou como diretor durante 33 anos, a situação mudou muito desde a década de 50. Norton teve a felicidade de não passar pelo papel de bandido, porque deixou a direção do colégio no início do ano e porque o Rio Branco é mantido pela Fundação Rotary, sem fins lucrativos. Mesmo assim, os rotarianos se ressentem com o arrocho das mensalidades e com o abalo da sua imagem. "Damos muito valor à dignidade do educador e ao ensino conservador", frisa Norton. O Rio Branco vem, aos poucos, assumindo uma política mais seletiva e reduzindo seu número de alunos, em função da qualidade e das dificuldades com a política econômica.

A redução do número de alunos é a única saída vislumbrada pela educadora Neda Martins.

"Não concebo a idéia de abrir uma escola para ser fechada na crise", afirma Neda. Criadora de novos métodos de ensino em matemática e de um projeto de alfabetização sem cartilha, muito antes da celebrada pedagogia argentina de Emília Ferreiro, Neda lamenta a falta de reconhecimento do profissional de educação: "Às vezes fico absolutamente desencantada, mas jamais vou abandonar a escola".



Maurilo Claretto/AE

Neda: "Existe decepção entre os educadores"